

ENTRE A IDENTIDADE E O ESTIGMA: SER GAY E ADOLESCENTE

Mariana Sales Oliveira
Graduada em Psicologia pelos Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA
marianasales.psic@gmail.com

Érica Henrique Ribeiro-Andrade
Mestre em Cognição e Linguagem pela UENF / Professora dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA
ericaandrade@isecensa.edu.br

Resumo

Este trabalho analisa os processos psicossociais na formação da identidade de adolescentes homoafetivos diante de estigmatização. A adolescência envolve transformações físicas, emocionais e sociais, e a sexualidade é relevante na construção identitária. Para jovens homoafetivos, normas sociais, preconceitos e estigmas dificultam a autoaceitação e o reconhecimento social. A metodologia incluiu revisão de literatura com análise de conteúdo e pesquisa de campo quanti-quali com 107 adultos que se identificam como homo, bi ou pansexuais desde a adolescência. Os dados, coletados via questionário online, foram analisados por estatísticas descritivas e análise de conteúdo. A vivência da homoafetividade na juventude é marcada por violências, silenciamentos e sentimentos de inadequação, mas surgem estratégias de resistência, como redes de apoio e construção de espaços de pertencimento. Tais vivências mostram impactos da estigmatização e possibilidades de enfrentamento. Conclui-se que, apesar de avanços sociais e culturais, a homoafetividade na adolescência ainda é vulnerável, exigindo atenção de políticas públicas, práticas educativas e contextos de acolhimento que promovam escuta, cuidado e direito à diversidade.

Palavras-chave: Psicologia Social, Homofobia, Adolescência

Abstract

This study aims to analyze the psychosocial processes involved in the identity formation of homosexual adolescents in the face of stigmatization experiences. Adolescence is marked by physical, emotional, and social changes, with sexuality playing a significant role in identity construction. For homosexual youth, this process is influenced by social norms, prejudices, and stigmas that hinder self-acceptance and social recognition. The methodology included a literature review with content analysis and a mixed-methods field study applied to 107 adults who have identified as homosexual, bisexual, or pansexual since adolescence. Data were collected through an online questionnaire and analyzed using descriptive statistics and content analysis. Findings show that adolescence as a homosexual individual is often characterized by violence, silencing, and feelings of inadequacy, but also by strategies of resistance, such as seeking support networks and building spaces of belonging. The study concludes that, despite social and cultural advances, homosexuality in adolescence remains a vulnerable experience, requiring attention from public policies, educational practices, and supportive environments that promote listening, care, and the right to diversity.

Keywords: Social Psychology, Homophobia, Adolescence

Introdução

O presente estudo investiga a formação da identidade de adolescentes homoafetivos diante de experiências de estigmatização, com foco nos processos psicossociais que atravessam essa fase da vida. A adolescência é reconhecida como um período de intensas

transformações, marcado pelo desenvolvimento da autonomia, da sexualidade e da construção de vínculos de pertencimento. Para jovens homoafetivos, esses processos podem ser atravessados por normas sociais rígidas, preconceitos e estigmas que dificultam a autoaceitação e a valorização da própria identidade, tornando essa fase particularmente desafiadora.

A discussão sobre o tema se mostra relevante, pois compreender as experiências de adolescentes homoafetivos permite identificar os fatores que contribuem para vulnerabilidades, como discriminação, invisibilidade e exclusão, e, ao mesmo tempo, os elementos que favorecem a resistência, o acolhimento e a construção de redes de apoio. O recorte específico do estudo concentra-se em adultos que se identificam como homoafetivos desde a adolescência ou posteriormente e que refletem, em retrospecto, sobre suas vivências na adolescência, possibilitando analisar como essas experiências impactaram a formação da identidade e a percepção de pertencimento social.

Para investigar essas questões, adotou-se uma metodologia de abordagem quanti-quali, articulando revisão de literatura com pesquisa de campo aplicada a 107 participantes. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário online, contendo perguntas objetivas e discursivas, e com o aceite do RCLE, garantindo acesso amplo e preservação da confidencialidade dos participantes. Os dados foram analisados por estatísticas descritivas e análise de conteúdo (Bardin, 2006).

Fundamentação teórica

Para a fundamentação teórica, Erikson (1976), Osório (1992) e Souza (2022) foram referência para compreender a adolescência como período de intensas transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais, no qual a construção da identidade e a autonomia dos jovens são centrais.

Quanto à homoafetividade e à construção social da identidade, Louro (2003; 2004) e Butler (2003) fundamentam que gênero e sexualidade são construções sociais e históricas, passíveis de questionamento, e que a performatividade de gênero evidencia normas sociais que moldam comportamentos. Foucault (1999; 2006) contribui ao analisar como dispositivos de poder regulam corpos e condutas, enquanto Goffman (1980) oferece a perspectiva do estigma e suas implicações na percepção social e na autoimagem dos indivíduos.

Bortoletto (2019) e Guimarães (2015) destacam a importância da alteridade, solidariedade e visibilidade na construção da autoaceitação e resistência em adolescentes LGBTQIA+. A psicologia social crítica, com base em Lane (2006), Guareschi (2012) e Martín-Baró (2006), evidencia que desigualdades e exclusões se originam nas estruturas sociais e históricas, influenciando a construção da identidade e as experiências desses adolescentes.

Desenvolvimento do tema

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa com 107 participantes que se identificam como homoafetivos (gays, lésbicas, bissexuais ou pansexuais), com foco na descoberta da orientação sexual durante a adolescência. A análise integrou dados quantitativos das respostas objetivas e informações qualitativas de perguntas discursivas, permitindo compreender padrões gerais e experiências individuais.

Identificação de Gênero dos participantes

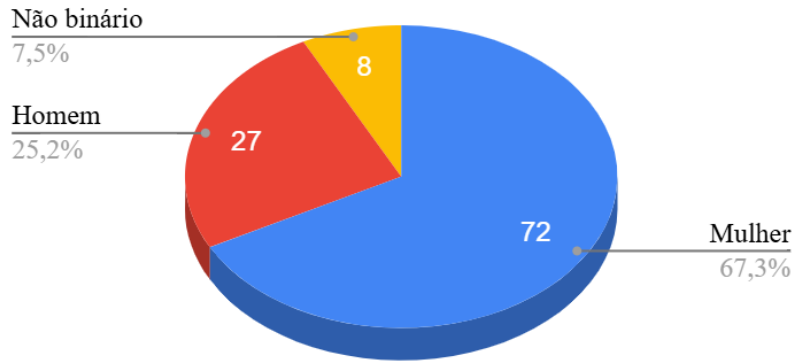


Figura 1: Gráfico das respostas sobre a Identificação de Gênero dos participantes da pesquisa. Fonte: Autoria própria.

Quanto à identidade de gênero, a maioria dos respondentes se identificam como mulheres, seguidos por homens e pessoas não-binárias.

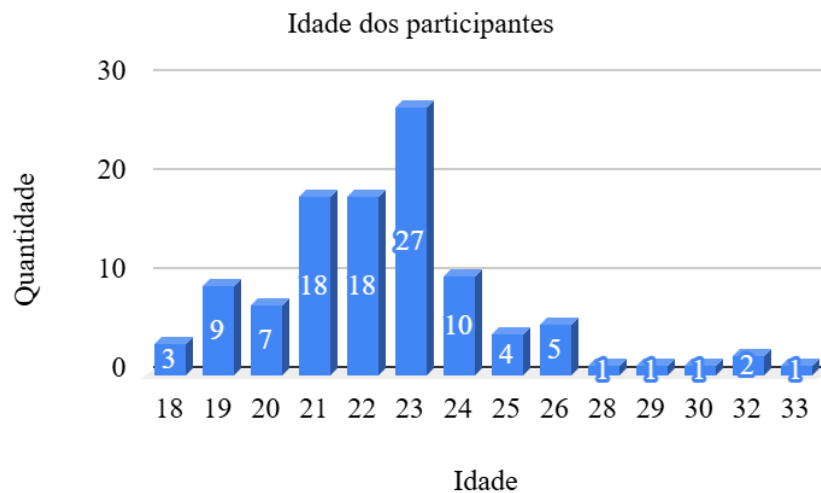


Figura 2: Gráfico da Idade dos participantes. Fonte: Autoria própria.

A idade dos participantes variou entre 18 a 33 anos, sendo a maioria na faixa etária de 23, 22 e 21 anos respectivamente.

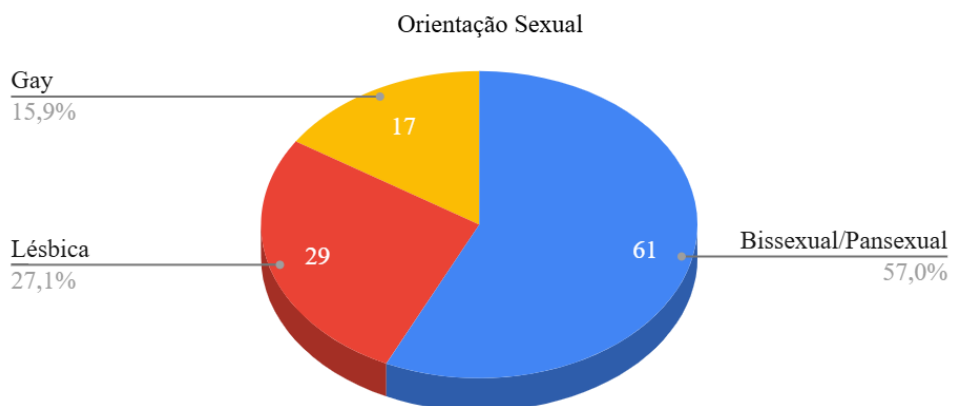


Figura 3: Gráfico da orientação sexual dos participantes. Fonte: Autoria própria.

Em relação à orientação sexual, predominou a bissexualidade/pansexualidade, seguida por lésbicas e gays.

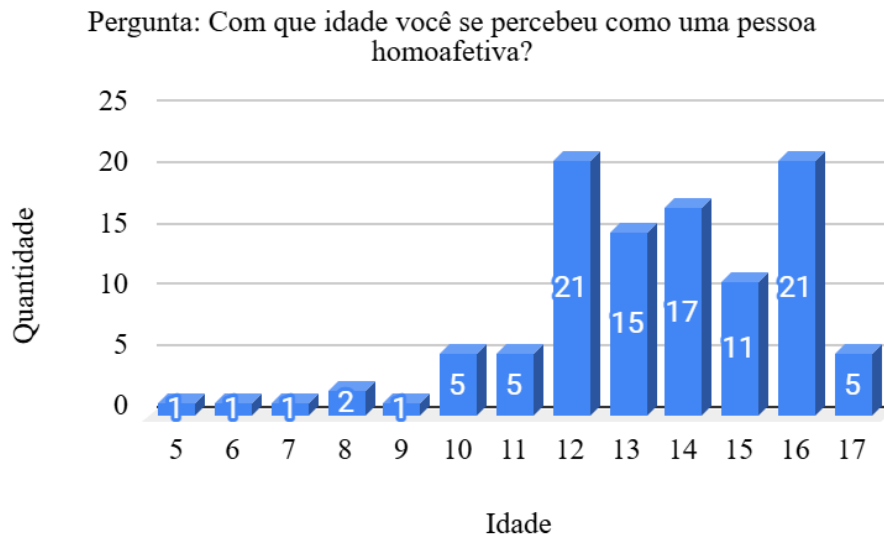


Figura 4: Gráfico da Idade que os participantes se perceberam como pessoas homoafetivas. Fonte: Autoria própria.

A maioria dos participantes relata ter vivido a experiência de descoberta de sua orientação sexual entre os 12 e os 16 anos, sendo esses marcadores de idade os principais apontados pelos participantes como início da compreensão da sexualidade homoafetiva.

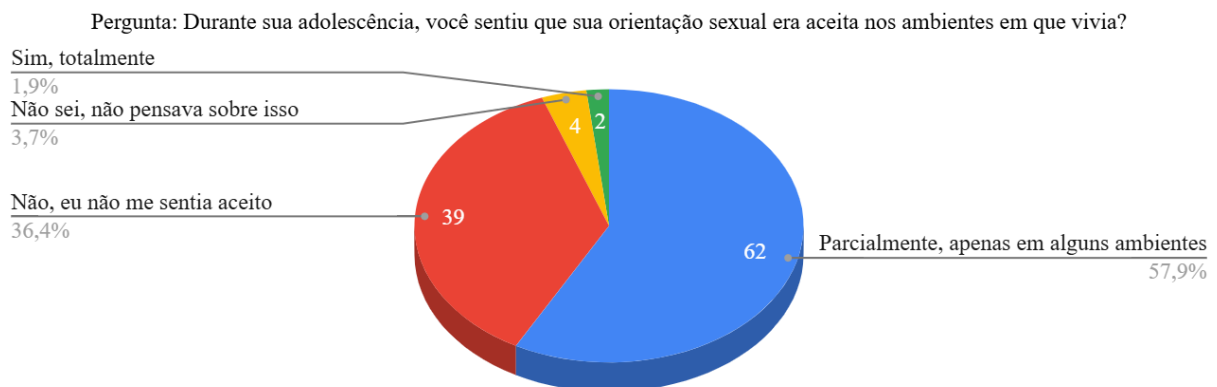


Figura 5: Gráfico da percepção se havia aceitação da orientação sexual nos ambientes vividos. Fonte: Autoria própria.

A aceitação da orientação sexual nos diferentes ambientes era frequentemente parcial ou ausente.

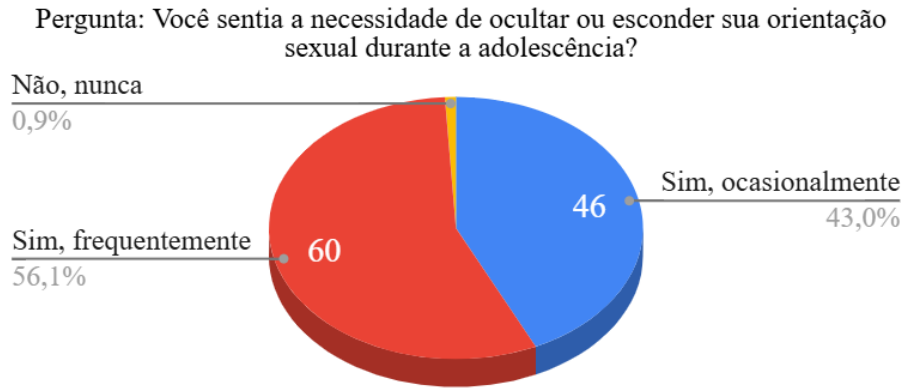


Figura 6: Gráfico de respostas dos participantes sobre a necessidade de ocultar ou esconder a própria orientação sexual durante a adolescência. Fonte: Autoria própria.

Os participantes relatam o ocultamento da sexualidade presente durante a adolescência.

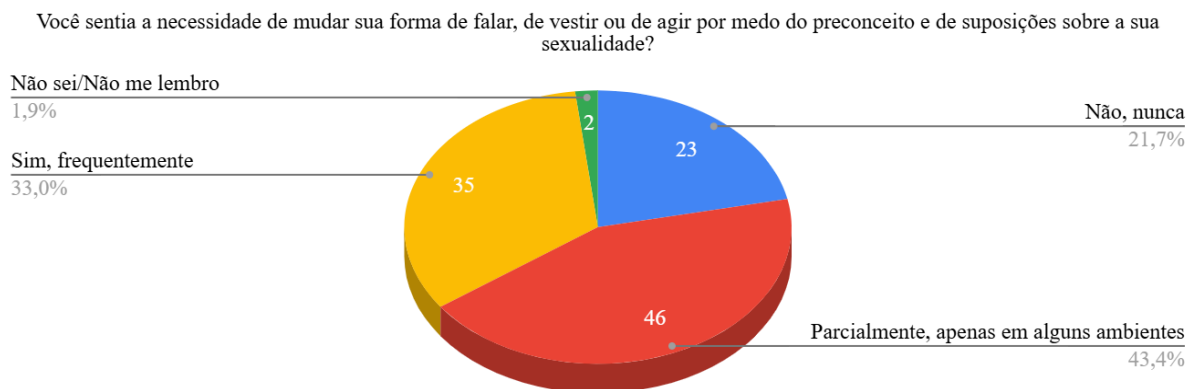


Figura 7: Gráfico sobre o sentimento de necessidade de mudança da forma de falar, de vestir ou de agir por medo do preconceito e de suposições sobre a sexualidade do indivíduo. Fonte: Autoria própria.

Além de mudanças em comportamentos e nas formas de vestir ou falar por medo de preconceito e suposições. Esses dados evidenciam a pressão social para que pessoas homoafetivas ajustem suas performances de gênero, reprovando comportamentos e formas de expressão diferentes.

Essa lógica também é descrita por Goffman (1980) ao tratar do estigma. Segundo o autor, o estigma também é constituído de um processo relacional, no qual determinados sujeitos são desacreditados socialmente e têm sua identidade marcada por um "selo negativo", associados a simbolismos subjetivos e objetivos, como formas de se vestir ou falar, associados comumente a uma conduta específica e estigmatizada.

Pergunta: Nesse período, você evitou viver experiências ou fazer planos por medo de ser alvo de preconceito ou estigma?

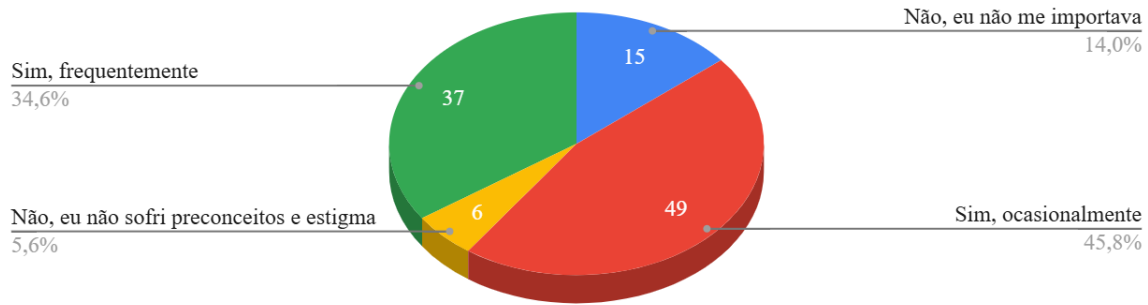


Figura 8: Gráfico sobre evitar viver experiências ou fazer planos por medo de ser alvo de preconceito ou estigma. Fonte: Autoria própria.

A necessidade de esconder afetos, mudar comportamentos e formas de expressão, silenciar desejos e mascarar vivências legítimas reflete essa fase de “encruzilhadas identitárias”, como denomina Guimarães (2015), sugerindo que os adolescentes homoafetivos enfrentam o duplo desafio de afirmar-se enquanto sujeitos desejantes e, ao mesmo tempo, lidar com os discursos sociais que os desautorizam, discriminam e julgam.

Pergunta: Em quais ciclos e ambientações você se sentia mais confortável com a sua orientação sexual? (Marque até três opções)

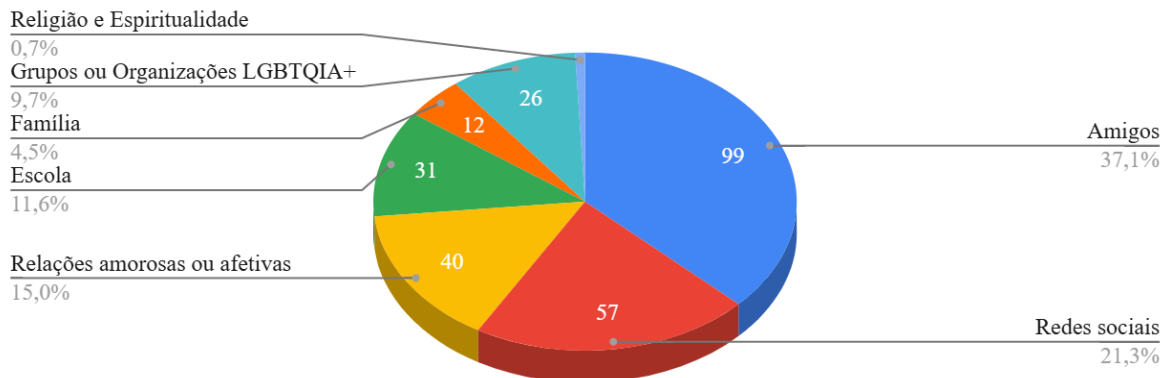


Figura 9: Gráfico que apresenta em quais ciclos e ambientações os indivíduos se sentiam mais confortáveis com a sua orientação sexual. Fonte: Autoria própria.

Amigos próximos, redes sociais e relações afetivas surgem como espaços mais confortáveis, enquanto familiares, escolas e instituições religiosas foram menos acolhedores.

Na pergunta discursiva: “Você sente que enfrentou muitos desafios na adolescência por ser uma pessoa homoafetiva? Se sim, apresente em poucas palavras quais foram esses desafios”, a pesquisa evidenciou a ocorrência de discriminação e julgamento, com muitos participantes relatando episódios de violência física, verbal, assédio moral e sexual, exclusão social e invasão de privacidade. A vivência religiosa foi apontada em alguns relatos como fonte de repressão, com experiências de culpa, práticas de “cura gay” e negação da sexualidade. Apesar dessas dificuldades, uma parcela menor relatou ter crescido em contextos acolhedores, com apoio de amigos, familiares ou redes sociais, o que contribuiu para o fortalecimento da identidade e construção de estratégias de enfrentamento.

Essa etapa do desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, é entendida por Osório (1992) e Souza (2022) como um período

de busca por pertencimento, reconhecimento e validação social, além de elaboração de conflitos internos e externos. Os relatos discursivos reforçam a complexidade das experiências de adolescentes homoafetivos, evidenciando conflitos internos, medo constante, sentimentos de culpa, sofrimento emocional e necessidade de ocultação. Além disso, destacam-se episódios de hipersexualização e associação da homoafetividade a ideias de pecado, perversidade ou promiscuidade, mostrando como estigmas sociais moldam a vivência da sexualidade durante a adolescência.

Pergunta: Na adolescência, qual foi a principal fonte de apoio que você teve durante o processo de descoberta da sua orientação sexual?

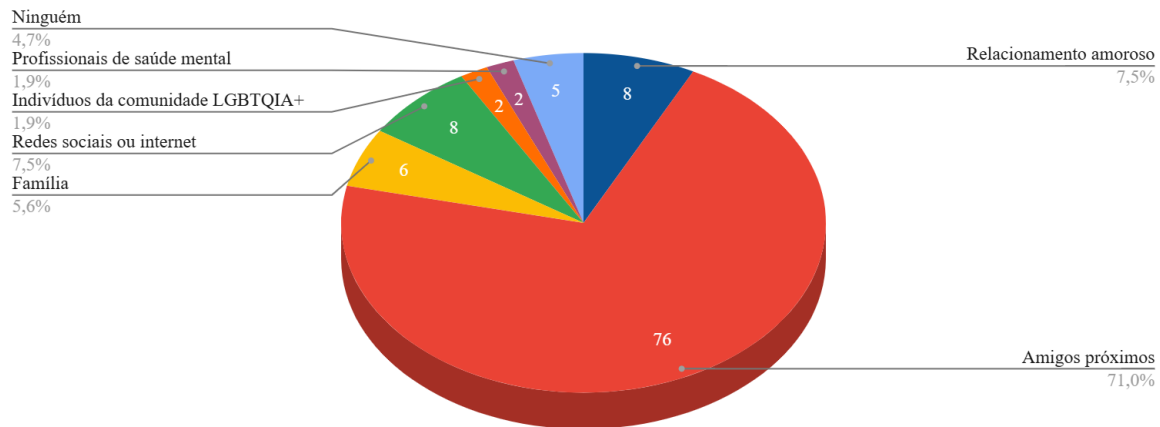


Figura 10: Gráfico representativo sobre qual foi a principal fonte de apoio que os indivíduos da pesquisa tiveram durante o processo de descoberta de sua orientação sexual. Fonte: Autoria própria.

Dados mostram que amigos próximos, redes sociais e relações afetivas funcionam como principais redes de apoio, enquanto família, escola e religião se mostram mais ausentes como principal fonte de apoio.

Ao serem perguntados “Como você classificaria sua experiência como um adolescente homoafetivo?”, apenas 4,7% dos participantes classificaram sua experiência como ótima e 22,4% como boa, enquanto a maioria relatou vivências regulares (42,1%), além de ruins (21,5%) e péssimas (9,3%). Erik Erikson (1976) compreende a adolescência como uma etapa crítica da vida, caracterizada pela busca de construção da identidade e pelo desejo de afirmação social. Para o autor, quando esses caminhos são bloqueados por preconceito ou repressão, a formação identitária pode ser interrompida ou desviada, gerando intensos conflitos internos.

Ao serem direcionados a pergunta: “Você se lembra de alguma situação marcante da sua adolescência, relacionada à sua sexualidade, em que tenha vivenciado ou percebido algum tipo de preconceito ou estigma? Caso se sinta confortável, conte um pouco sobre essa experiência.” 83 participantes se disponibilizaram para contar seus relatos. Ao falar sobre os estigmas e preconceitos vividos, as experiências citadas envolviam rejeição familiar, invalidação da sexualidade, violências físicas, verbais e simbólicas, assédios, isolamento e exclusão social, hipersexualização e casos que a identidade foi associada a perversidade, pecado e promiscuidade.

Além dos dados quantitativos em que a família raramente se configurou como rede de apoio, os resultados da análise das respostas discursivas apontou que o ambiente familiar como frequentemente marcado por rejeição, violência, controle e silenciamento, atuando como mecanismo de imposição de normas sociais e preservação de ideologias próprias. A

exposição da vida privada dos adolescentes, como conversas reveladas sem consentimento, reforça a estigmatização e intensifica o controle sobre suas identidades.

O ambiente escolar aparece nesses relatos como um ambiente hostil, no qual é frequente a ocorrência de assédios e agressões verbais, morais e físicas por parte tanto de colegas como de profissionais dessas instituições. O ambiente escolar é um dos temas centrais da obra de Louro (2003), que discute como a escola funciona como aparelho de normatização, reforçando padrões de gênero e sexualidade. A análise da autora se relaciona diretamente com os resultados apresentados na pesquisa, visto que apenas 11,6% dos participantes afirmaram se sentir confortáveis com sua sexualidade nesse ambiente, revelando que a escola, muitas vezes, se recusa a lidar com a sexualidade, ainda que ela esteja presente no cotidiano escolar. Quando o faz, o tratamento dado costuma ser conservador, moralista e normativo (Louro, 2008).

Judith Butler (2003) aponta que os corpos que desafiam a lógica binária e heteronormativa revelam, com sua simples presença, que o que é considerado “natural” ou “essencial” é, na verdade, produto de normas reiteradas socialmente. Essas normas, ao mesmo tempo que produzem os sujeitos padronizados, também os punem quando suas performances escapam do que é atribuído socialmente.

Na ótica de outro autor da Psicologia Social, Pedrinho Guareschi (2012), os discursos sociais hegemônicos influenciam diretamente as representações sociais dos sujeitos, construindo identidades a partir de normas e hierarquias. Essa construção simbólica do “ser homoafetivo” como “errado”, “pecaminoso” ou “perverso”, aparece nas falas dos participantes, que relatam práticas religiosas de exorcismo, associações entre homossexualidade e abuso e percepções de que seriam a fonte condutora “para o mau caminho”.

Ao observar os relatos, foi evidente a prática imprópria e antiética de profissionais da psicologia, evidenciados nos seguintes relatos: “Minha psicóloga da época também me negligenciou, falando que já tratou uma pessoa com o mesmo problema e que futuramente me casaria com um homem e teria uma família.” e “Assim que me assumi pra minha mãe, começamos um longo período de 'conversão' sexual, na qual uma psicanalista da Igreja (...) trabalhava para que eu não cedesse à 'atividade homossexual'.” Essas práticas apresentam uma atuação que vai contra a Resolução nº 1/1999, de 1999, a qual o Conselho Federal de Psicologia (CFP) aprovou e que define diretrizes para a prática dos psicólogos no que diz respeito à orientação sexual. Essa resolução determina que a homossexualidade não deve ser tratada como uma doença, transtorno ou desvio, mas sim reconhecida como uma das variadas formas de expressão da sexualidade humana.

Martín-Baró (2006), ao propor uma psicologia da libertação, reforça que esses mecanismos de opressão devem ser compreendidos como fruto de uma ordem social excludente e não como desvios individualizados e isolados. A confusão, angústia, medo, preocupação e ansiedade relatadas pelos participantes ao descreverem o sentimento de serem adolescentes homoafetivos não são apenas atravessamentos psíquicos individuais, mas sintomas de uma sociedade que produz sofrimento ao negar a legitimidade das identidades, experiências e vivências LGBTQIA+.

No âmbito da religião, os dados estatísticos do questionário evidenciaram que apenas 1 pessoa das 107 participantes apontou a Religião e a Espiritualidade como ambientes em que se sentia mais confortável em relação à sua sexualidade. Já ao analisar o conteúdo das respostas descritivas, relatos envolvendo esse tema tendem a aparecer de forma negativa e repressora, envolvendo terapias de conversão, exorcismos, práticas abusivas e de culpabilização sofridas durante esse período nos ambientes religiosos e conservadores.

Essas formas de discriminação e preconceito reproduzidas durante a história, e presentes neste estudo, demonstram uma visão da sexualidade não apenas em um instinto ou prática, mas em uma identidade vigiada, especialmente quando se trata da homoafetividade. Assim, as instituições não apenas proíbem: elas a definem, nomeiam, a tornam visível como anomalia e desvio e com isso, torna-se possível puni-la. Nos resultados, isso aparece de forma dolorosa: jovens que foram obrigados a "confessar" sua sexualidade como pecado, esconder quem realmente são, ocultar seus afetos, seus gostos, sua personalidade e sua existência em nome de uma moral. A expulsão, o medo, a vergonha e a tentativa de "cura" são efeitos concretos desse dispositivo de poder descrito por Foucault (2006).

Em uma pesquisa feita pela Agência Brasil em 2023, conforme dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde e levantamento da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), entre 2012 e 2021 foram registrados 9.954 óbitos por suicídio ou lesões autoprovocadas em crianças e adolescentes de 10 a 19 anos, com fatores como violência intrafamiliar, abuso verbal e isolamento social como determinantes (Gandra, 2023). Resultados do presente estudo indicam que adolescentes homoafetivos enfrentam desafios familiares, violências e exclusão social semelhantes, destacando a necessidade de compreensão e acolhimento de seus sofrimentos.

Os resultados indicam conquistas subjetivas relevantes, como autoconfiança e orgulho identitário, decorrentes de contextos acolhedores e da possibilidade de conexões afetivas com parceiros, amigos, familiares e comunidades. Apesar de muitas vivências terem sido descritas como regulares, ruins ou péssimas, 24 participantes (22,4%) relataram experiências boas e 5 (4,7%) experiências ótimas, evidenciando momentos de acolhimento e afirmação em meio aos desafios.

Conforme Lane (2006), valores enraizados na socialização primária familiar só passam a ser questionados na socialização secundária, especialmente na adolescência, quando novas experiências sociais e afetivas permitem revisar a identidade e questionar papéis e estruturas de dominação. Nesse sentido, amigos, redes sociais e relacionamentos amorosos foram os ambientes que mais proporcionam conforto e aceitação aos adolescentes homoafetivos, funcionando como redes de socialização alternativa e afetiva e contribuindo para autoestima, pertencimento e formação identitária.

Nos relatos sobre a experiência de ser adolescente homoafetivo, embora predominassem sentimentos de confusão, medo e angústia, surgiram também termos positivos como esperança, conforto, curiosidade, confiança, descoberta, empolgação, esclarecimento, alegria, expectativa, felicidade, liberdade, pertencimento e tranquilidade. Essas narrativas mostram que, mesmo diante de estigmas e adversidades, alguns adolescentes desenvolveram estratégias de enfrentamento, criando espaços próprios que permitem existir com liberdade, sem que isso signifique ausência de conflitos, mas sim diferentes formas de resistência e afirmação identitária.

Inspirando-se nas reflexões de Bortoletto (2019) sobre a emergência da comunidade LGBTQIA+ enquanto resposta coletiva às opressões, observou-se que poucos participantes (9,7%) atribuem a esses grupos um papel de rede de apoio. Por mais que esses espaços funcionem como ambientes de resistência política e social, essa baixa menção pode refletir a baixa acessibilidade desses grupos para muitos jovens, seja por barreiras geográficas, falta de informação, ou medo do estigma associado à visibilidade pública.

Considerações finais

A partir da análise dos processos psicossociais vivenciados por adolescentes homoafetivos, este estudo evidencia que a formação da identidade na adolescência ocorre

em um contexto profundamente atravessado por tensões, contradições e disputas simbólicas. Trata-se de um período marcado pela busca por pertencimento, reconhecimento e validação social, ao mesmo tempo em que esses jovens se deparam com a persistente reprodução de normas heteronormativas e excludentes, que se manifestam de forma explícita ou velada nas relações familiares, escolares, religiosas e sociais. Os resultados indicam que essas normas não apenas delimitam o que é considerado aceitável ou legítimo, mas também operam como dispositivos de controle que impactam diretamente a forma como os adolescentes percebem a si mesmos e constroem suas identidades.

Embora a adolescência seja tradicionalmente compreendida como uma fase de conflitos internos, transformações emocionais e questionamentos existenciais, os dados revelam que, para adolescentes homoafetivos, essas vivências tendem a ser intensificadas pela experiência do estigma, da discriminação e da invisibilização. Medos, angústias, sentimentos de inadequação e insegurança aparecem associados não apenas às mudanças próprias do desenvolvimento, mas também às tentativas constantes de adequação a expectativas sociais que negam ou deslegitimam suas vivências afetivas e identitárias. Ainda assim, os relatos também apontam que esse período pode se configurar como um momento de encontro consigo mesmo, no qual a construção da autoimagem, da personalidade e das escolhas ganha centralidade, possibilitando processos de autoconhecimento, resistência e ressignificação da própria experiência.

Nesse contexto, destaca-se a relevância das redes de apoio alternativas identificadas na pesquisa, especialmente os grupos de amigos, as redes sociais e os relacionamentos afetivos. A predominância desses espaços como fontes de acolhimento evidencia a fragilidade, ou mesmo a ausência, de suporte em instâncias tradicionalmente esperadas, como a família e a escola. Ao mesmo tempo, revela a potência dos vínculos construídos entre pares na promoção do sentimento de pertencimento, da validação emocional e da segurança necessária para a expressão da identidade. São nesses ambientes que muitos adolescentes encontram a possibilidade de compartilhar vivências, elaborar sofrimentos e questionar normas impostas, favorecendo uma construção identitária mais autêntica e menos marcada pela culpa ou pela vergonha.

Os recorrentes relatos de opressão, violência, exclusão, invalidação e sofrimento relacionados à vivência homoafetiva na adolescência demonstram que, apesar de avanços históricos, culturais e sociais no campo dos direitos e da visibilidade LGBTQIA+, os estigmas permanecem fortemente enraizados e continuam a produzir preconceito e discriminação. Essas experiências atravessam o cotidiano dos adolescentes gays, lésbicas, bissexuais e pansexuais, gerando impactos significativos em suas relações interpessoais e na forma como constroem suas trajetórias de vida. O sentimento constante de insegurança, provocado pela repressão direta ou simbólica dessas identidades, quando articulado aos fatores biopsicossociais e espirituais próprios da adolescência, intensifica conflitos internos e sociais, dificultando processos de afirmação e pertencimento.

Tais conflitos não se restringem ao âmbito subjetivo, mas afetam de maneira significativa o desenvolvimento da identidade, da personalidade e da saúde mental desses jovens. Os dados reforçam a associação entre experiências de discriminação e o aumento da vulnerabilidade a quadros de sofrimento psíquico, como ansiedade e depressão, além de apontarem para riscos mais graves, como ideação suicida. Diante desse cenário, torna-se evidente a urgência da criação e do fortalecimento de ambientes acolhedores, redes de apoio efetivas e políticas públicas comprometidas com a garantia do direito à expressão plena da identidade, à proteção contra a violência e à promoção de trajetórias de vida mais dignas e seguras.

Por fim, este estudo ressalta a importância do compromisso ético, político e social das instituições educacionais, das políticas públicas e, especialmente, da formação de psicólogos

e demais profissionais da saúde. Cabe a esses campos promover a valorização da diversidade, problematizar os efeitos da discriminação e evitar a reprodução de violências e preconceitos em suas práticas. Ao reconhecer as experiências dos adolescentes homoafetivos em sua complexidade, este trabalho contribui para a ampliação do debate sobre identidade, estigmatização e saúde mental, reafirmando a necessidade de intervenções que favoreçam o desenvolvimento saudável e integral na adolescência, fundamentadas no respeito, na escuta e na promoção dos direitos humanos.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GANDRA, Alana. **Estudo alerta para alta incidência de suicídio na adolescência**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 29 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-09/estudo-alerta-para-alta-incidencia-de-suicidio-na-adolescencia>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Temas atuais em psicologia social**. Barbarói, v. 36, p. 6–18, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i36.2916>. Acesso em: 3 jun. 2025.

GUIMARÃES, Luigi Sturaro. **Homossexualidade na adolescência na contemporaneidade – mudanças e desafios**. Salvador: Centro Universitário Jorge Amado, 2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. 6. reimpr. da 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Hacia una psicología de la liberación**. Psicología sin fronteras: revista electrónica de intervención psicosocial y psicología comunitaria, v. 1, n. 2, p. 1, 2006.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. **A adolescência**. Formiga (MG): Editora Unigala, 2022.



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM
SOCIAIS E HUMANIDADES